
terra roxa

e outras terras

Revista de Estudos Literários

DIÁLOGOS ENTRE LITERATURA E PINTURA

Marta Dantas¹ (UEL)

Nesta edição, desfrutamos das várias relações entre literatura e pintura já sugeridas por Horácio em sua *Arte poética* (20 a.C.) na expressão *ut pictura poesis*, “como a pintura, é a poesia”. O que aqui encontramos não é a reafirmação da discussão realizada, no século XVIII, por Lessing, Schelling, Hegel, entre outros pensadores, sobre a superioridade da poesia como síntese suprema, a reunir em si a imaginação criativa das artes plásticas e a emoção que fluía da música e nem a vingança das artes plásticas em relação à arte literária. A pluralidade de possibilidades aqui apresentadas ora ultrapassa, ora borra os limites propostos por certas abordagens que tendem a delimitar as relações entre literatura e pintura.

Um dos artigos apresenta a inclinação de Eça de Queirós pelo grotesco, particularmente em *O crime do Padre Amaro*, recriada pela pintura da artista portuguesa Paula Rêgo. Em suas telas, a ambivalência do grotesco bakhtiniano recupera seu fôlego em pinturas narrativas, recriações das pinturas em prosa de Eça.

Um conto de Gabriele D’Annunzio, *O cirurgião e o mar*, repetição com diferença da obra de Guy de Maupassant, *La mer*, é analisado a partir do caráter pictórico – cor, formas, texturas – das descrições de D’Annunzio acerca do grotesco e do abjeto, necessárias para a visualização do agravamento do tumor do marinheiro protagonista. Numa relação análoga e simultânea, a paisagem do entorno, a formação de uma tempestade em alto mar, é também concebida por meio de descrições de caráter e pictórico que revelam o apreço de D’Annunzio pelo estranho e pelo insólito.

O estudo do poema “*Sunday Morning*”, de Wallace Stevens, apresenta “diversos níveis em que a pintura se mostra, de alguma forma, presente nesse poema” (p. 41). Não se limita às relações temáticas e imagéticas já apontadas pela fortuna crítica; apresenta um significativo repertório de pinturas cujas relações com o poema são, por vezes, também estruturais.

¹ marta_dantas@hotmail.com - <https://orcid.org/0000-0003-3877-1284>

As relações entre literatura e pintura nas narrativas de viagem do Visconde de Taunay nos é apresentada por meio do conceito de iconotexto uma vez que as imagens são convocadas pelo texto de forma que a mão e os olhos trabalham juntos e, portanto, o traço e a pincelada são próximos à ação da escrita. Relação íntima que advém da formação artística e cultural de Taunay e das suas viagens pelo interior do Brasil e que confere às suas narrativas o adjetivo “pictóricas”.

O romance *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago, é apresentado como monomidiático embora traga referências intermediáticas, a alusão de uma mídia em outra, neste caso, à pinturas no interior do universo ficcional do romance. No estudo aqui apresentado, o texto se mantém como mídia principal, mas a alusão as imagens pictóricas ampliam, aprofundam e ressignificam o universo textual.

Tendo como ponto de partida um detalhe da pintura mural *Sueño de una tarde dominical en la Alameda Central*, de Diego Rivera, a “Calavera Catrina” – repetição com diferença da “Calavera Garbancera” do gravador, ilustrador e cartunista mexicano José Guadalupe Posada – nos é apresentada a história da própria “Calavera Catrina”, “alegórico personaje fantasmal encarna los nexos entre las artes literarias y visuales” (p. 74). Suas origens remontam a poesia oral popular pré-hispânica. Embora tenha sofrido transformações, adquirido novos sentidos no processo da conquista ao tomar contato com a cultura cristã hispânica e sua imposição e no processo de desencantamento promovido pela modernidade, a “Calavera Catrina” chega até nossos dias menos como imagem colonizada e mais como resistência à dominação colonial e, portanto, símbolo do ímpeto decolonizador. Na sua condição plurívoca de alegoria, ela é a morte, figura feminina – assim como a poesia e a pintura – ironicamente imortal, que segundo os nossos autores, assombra a cultura patriarcal e ilumina a história deixando seus rastros na produção literária mexicana e seu legado na produção pictórica de Frida Kahlo.

Entre as vastas possibilidades de diálogos entre o verbal e o visual está a obra do artista surrealista alemão Hans Bellmer. No artigo que constitui esta edição, nos é apresentado os desdobramentos da poética do artista que gira em torno de sua busca pela recriação, repetição com diferença, de sua obra mais conhecida, *Die Pupe*. Seus projetos acerca dos mecanismos internos da boneca são constituídos de desenho e textos, do factível e do idealizado, do engenheiro e do poeta a fim de borrar os limites entre uma coisa e outra. A boneca mecânica nunca saiu do papel. Os diálogos entre o verbal e o visual são apresentados como relevantes em outros trabalhos de Bellmer como *Little Anatomy*, onde o corpo se apresenta desarticulado, fragmentado, remontado num processo análogo ao anagrama. O verbal e o visual, o corpo e a linguagem estão à serviço do desejo de recriar o existente, revelando-o insólito, e aproximando o desejo erótico daquele da criação que subverte o dado como real. E numa radicalização do processo de fragmentação, a parte é tomada pelo todo, a perna pelo corpo criando uma síntese: o cefalópode. O resultado da imaginação excitada é a criação de insólita imaginação, repetição com diferença de antigas experiências com anamorfose. O desafio de Bellmer, segundo os autores, era descrever objetos sem empobrecê-los e o desenho, capaz de aprender posturas simultâneas do corpo

humano, inerentes a sua própria anatomia, foi tida como a linguagem mais apropriada para apreender o espetáculo insólito da (sur)realidade.

Os artigos a seguir nos levam a refletir sobre a criação como ato que implica em repetições com diferenças. A ideia de “adaptação”, de um meio ou para outro ou de uma linguagem para outra, tida muitas vezes como déficit, é criticada ao mesmo tempo em que se desmascara a antiga crença na criação artística como ato original. Neles, o verbal e o visual, o narrativo e o pictórico, ou seja, linguagens e meios diferentes se reúnem (uma vez que as palavras e as coisas e o ato de ler e ver foram separados, segundo Michel Foucault, com o advento do conhecimento clássico), não para se anularem, mas para exprimir o indizível. Assim como a vida e a morte – aparente contrários – são um, o arco da vida, o verbal e o visual, o narrativo e o pictórico, exprimem um, o inexprimível, ou, no dizer de Maurice Blanchot, a “enigmática Diferença”. Assim, obras repetem, num movimento contínuo e incessante, porque aquilo que se narra, que se mostra, que se desenha, que se pinta implica num perpétuo desviar-se. Entretanto, cada repetição carrega uma secreta alteridade que rege a diferença preservando-a da indiferença. Os artigos aqui presentes apresentam múltiplos diálogos entre literatura e pintura, literatura e artes visuais a fim de exprimir o indizível sob diferentes roupagens: ora do sublime, ora do grotesco, do insólito, do iconotexto, do estranho e da alegoria da morte. Todas as obras aqui estudadas são, em maior ou menor grau, enigmas com o propósito de sinalizar a “enigmática Diferença” e, por isso, requerem o comentário crítico, que também se funda na repetição com diferença.